

Artigos definidos variáveis no português europeu dialetal

Inovação morfológica inspirada pela analogia

Mikołaj Nkollo

Universidade Adam Mickiewicz, Polónia

O presente artigo visa esclarecer a presença do ataque nasal nos artigos definidos em variedades dialetais do Português europeu (PE) contemporâneo. Restringe-se a análise a um contexto nitidamente delimitado, abrangendo, por defeito, os ditongos nasais das sílabas finais da forma verbal conjugada e o artigo a ela posposto, produzindo assim as formas *no*, *na*, *nos*, *nas*. É um fenómeno inovador na história dos artigos definidos do PE, pois os textos das épocas prévias não comprovam a mudança nessa configuração. A análise baseia-se nos dados reunidos na secção ‘transcrição literal’ do CORDIAL-SIN – *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*. Além da dimensão variacionista, o presente trabalho aprofunda a natureza flexiva de ambas as formas paralelas. São igualmente estudados os processos fonológicos concomitantes à presença do ataque, ou seja, a monotongação, a perda de nasalidade, bem como a alteração do timbre da primeira das vogais encadeadas. Foi adotado neste estudo o modelo de gramáticas competidoras permitindo assim destrinçar os métodos de processamento dos dados linguísticos. Concebe-se a variação que permeia as sequências: *verbo+artigo definido* como o desfecho da atuação da analogia, inspirada pelas mudanças que incidem na forma dos pronomes clíticos acusativos na ênclise, homónimos dos artigos definidos.

Palavras-chave: ataque nasal, artigos definidos, palavras clíticas, analogia

1. Introdução

O presente artigo visa descrever a diversidade das realizações do artigo definido diretamente posposto ao verbo, com base nos dados extraídos das entrevistas do CORDIAL-SIN (*Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe*; Martins, coord., 2000-). Opõem-se naqueles encadeamentos duas variantes do artigo. Paralela-

mente à realização ‘padrão’ exibindo um início vocálico, há no PE dialetal contemporâneo ocorrências do artigo com o ataque nasal. Importa referir que a mudança não se estende por qualquer combinação, mas sim pelos artigos pospostos às formas terminadas, por defeito, num ditongo nasal. Todas as sequências do *corpus* que cumprem este requisito constituem o domínio da investigação cujos desfechos em seguida se apresentam.

A análise faz uso dos recursos textuais armazenados no CORDIAL-SIN, coletânea de excertos de fala dialetal geograficamente difusa e representativa. A sua extensão atinge 600.000 palavras. São nele disponibilizadas opulentas provas de discurso espontâneo ou semi-dirigido, provenientes de quarenta e duas localidades de Portugal continental, bem como dos arquipélagos. O *corpus* foi compilado a partir de gravações efetuadas no decorrer da redação de uma série de atlas linguísticos. Estes reúnem dados colhidos a partir dos anos setenta do século XX. Os informantes são pessoas com idades acima dos cinquenta anos, possuem baixa escolaridade e têm passado a maior parte das suas vidas nas localidades abrangidas pelos inquéritos. A transcrição das gravações previamente realizadas foi uniformizada ao ser compilado o CORDIAL-SIN. Cada sequência passível de suscitar dúvidas foi objeto de consultas múltiplas para se poderem reconstituir as sequências realmente produzidas. No caso de a incerteza persistir, ambas as possibilidades foram introduzidas nos transcritos, indo da mais à menos provável.

Os objetivos detalhados abrangem três aspetos da mudança. Em primeiro lugar, a sua dimensão variacionista, focando-se a análise tanto na distribuição de ambas as realizações pelos locais onde foram conduzidas as entrevistas, como nas atitudes individuais dos informantes. Adicionalmente, a investigação abrangerá os processos fonológicos que se sobrepõem às duas variantes da sequência. O segundo objetivo é estudar mais a fundo a natureza flexiva das formas concorrentes. A secção dedicada a esse assunto baseia-se na hipótese de os artigos representarem uma categoria flexionável, variando em número e género. Daí se depreende que as suas formas dão origem a um paradigma flexivo formado por quatro celas (veja-se Villalva 2007: 148, 150). Uma vez que a recorrência das formas duplas afeta todas as celas do paradigma, surge um desafio interessante às descrições tradicionais da irregularidade morfológica. Por fim, buscar-se-á esclarecer as causas do surgimento das realizações não canónicas. Alguns dos resultados da parte variacionista do fenómeno destoam com as propostas adiantadas no âmbito teórico, priorizado pelos autores do *corpus*, de Princípios e Parâmetros. Este requer que se tenham ativado, por contato de indivíduos pertencentes a gerações sucessivas, gramáticas concorrentes (veja-se Roberts 2007: 124–125). Uma delas levaria os falantes a valer-se das formas padrão, ao passo que a outra daria o resultado contrário. Empreender-se-á o confronto dessa hipótese com os dados empíricos.

Os métodos e as escolhas teóricas da presente investigação ajustam-se aos objetivos acima esboçados. A dimensão variacionista será descrita por meio da frequência relativa (veja-se Hoekstra & Versloot 2019: 31–32). Esta corresponde à percentagem de realizações das sequências *verbo+artigo definido* com o ataque nasal, correspondendo a totalidade a todas as ocorrências de ambas as variantes: *o, a, os, as* e *no, na, nos, nas*, a seguir às formas verbais terminadas num ditongo nasal. Ao procurar dar uma imagem mais pormenorizada do fenómeno, este método usar-se-á também para medir os rácios em cada localidade particular, bem como na fala de cada informante. No que respeita à produção individual, uma seleção consistente de uma das formas concorrentes será contraposta à alternância de duas variantes. Numa escala menor, mas proporcional à sua presença nas entrevistas do CORDIAL-SIN, o cálculo será igualmente estendido pelos processos concomitantes à variação primária aqui estudada: monotongação, desnação e alteração do timbre da vogal na primeira das sílabas justapostas.

Em condições fonológicas favoráveis, os artigos desviam-se da arquitetura paradigmática canónica por infringirem o critério de unicidade das formas pertencentes a uma cela única. Por outras palavras, dá-se uma relação não biunívoca entre formas e traços morfossintáticos por elas codificados. Afim de esclarecer a natureza do paralelismo, introduzir-se-á o contraste entre paradigmas canónicos e não canónicos. Ao serem lidas as análises dedicadas à irregularidade morfológica de índole tradicional, é possível chegar-se à conclusão que paradigmas anómalos têm uma natureza bastante monolítica. Quer isto dizer que as irregularidades neles contidas costumam ser reduzidas a certas dicotomias, como: supletivo vs. não supletivo, defetivo vs. não defetivo, e por aí adiante. Entretanto, alguns tipos de paradigmas exibem graus variados de irregularidade, requerendo por isso explicações mais subtis. De modo a enfrentar a relação pluriunívoca entre formas e traços morfossintáticos, será usada a teoria de A. Thornton, especialmente concebida para medir os desvios que apresentam formas flexivas paralelas.

Por fim, será abordado o problema de origem do paralelismo na realização dos artigos. Os autores do CORDIAL-SIN optam por estudar a variação no PE dialetal no âmbito de Princípios e Parâmetros, sendo assim a sintaxe o domínio privilegiado dessas análises. Contudo, o assunto aqui investigado tem uma natureza heterogénea, integrando morfossintaxe e fonologia. Aplicar tal e qual os conceitos metodológicos de Princípios e Parâmetros a uma área tão diversificada significaria, entre outros, o dever de admitir a continuidade cronológica de ambas as variantes. A coexistência de gramáticas múltiplas interiorizadas por um indivíduo pressupõe que este tenha vivido exposto a suficiente evidência para poderem enraizar-se ambos os métodos de processamento de dados gramaticais. A única via para que tal se verificasse consistiria na imitação das gramáticas de gerações anteriores. Por mais atrativa que tal explicação pareça, não é fácil fundamentá-la

com dados autênticos. Sendo a presença do ataque nasal nos artigos pós-verbais um fenômeno inovador, outras dúvidas continuam a pairar no ar. A mudança está bem documentada em vários locais abrangidos pelo *corpus*, suscitando assim a pergunta: como pode uma inovação gramatical surgir de modo tão abrupto (numa só geração de entrevistados), estendendo-se à maioria do território? Como tal, buscar-se-á outra solução que não os Princípios e Parâmetros, para a explicação deste fenômeno.

A significância do presente estudo reporta-se às análises prévias baseadas no CORDIAL-SIN. Os trabalhos, de índole preponderantemente generativista, têm visado comprovar com os dados dialetais a adequação empírica deste ramo teórico. O *corpus* tornou-se, nesta perspetiva, uma ferramenta com valor inestimável permitindo que se reafirmem os raciocínios de D. Lightfoot (1979) no domínio da sintaxe. Não admira que os demais níveis de análise gramatical tenham sido estudados com menos assiduidade. Uma das vantagens que o presente estudo oferece é tentar preencher uma dessas lacunas. Mais do que ser uma mudança rigorosamente sintática, o uso da forma munida do ataque nasal integra factos fonológicos e morfossintáticos. Assim, é imprescindível um outro aparelho conceptual, de forma a permitir que se ponham a limpo todas as facetas da alternância.

2. Dimensão variacionista da alternância

A análise da distribuição das formas paralelas do artigo definido exige que se tome em consideração tanto a produção oral registada numa dada localidade como a descrição da fala dos indivíduos entrevistados. Serão reconstituídos três aspetos da variação: a presença do ataque no artigo definido nas localidades abrangidas pelos inquéritos, a frequência relativa das formas não canónicas em todo o *corpus* e nos sítios particulares, e a frequência relativa de ambas as variantes na fala individual dos informantes. Os cálculos visarão, primeiramente, contrastar as localidades entre si do ponto de vista da presença das formas concorrentes. Numa segunda etapa, estudar-se-ão as frequências documentadas nas localidades particulares onde foram conduzidos os inquéritos. Com esse intuito, será calculado o número de ocorrências das variantes que nelas se verificam. Uma vez medidos estes rácios, ser-nos-á possível construir um retrato das tendências geográficas, pois o grau de variação não apresenta valores iguais de uma localidade para a outra. Finalmente, num estudo variacionista têm de ser discutidos mais a fundo os perfis individuais averiguados nas entrevistas. Os dados brutos demonstram a prevalência das realizações canónicas e dos indivíduos que lhes dão prioridade. Ao ser efetuada uma pesquisa mais circunstanciada, esses resultados poderão com facilidade destrinçar a diversidade de atitudes individuais perante a variável aqui

discutida. Assim, opor-se-ão os falantes que privilegiam as sequências homogêneas aos que tendem a entretecer nelas artigos ‘padrão’ e ‘não padrão’, e cuja fala apresenta, por isso, valores de variação mais elevados.

A análise das entrevistas demonstra o domínio das localidades onde ocorrem os artigos com um início consonântico. No total, são vinte e oito estas localidades, ou seja, produz-se a variação em exatamente dois terços dos locais incluídos no *corpus*. Nas restantes catorze localidades não se verifica a alternância. Significa a variação que, numa dada localidade, é documentada pelo menos uma ocorrência do ataque nasal no artigo definido posposto a uma forma verbal. Relativamente à comparação entre localidades, com a exceção dos concelhos algarvios, onde os ataques preenchidos tendem a evitar-se, os demais sítios registam incidências de forma variável e descontínua ao longo de todo o mapa. Veja-se a este propósito a Figura 1.

Com a exceção de duas localidades no distrito de Faro, regista-se uma distribuição espacial aleatória igualmente nas catorze localidades onde só funcionam as formas com o início vocálico ‘padrão’. Tão-pouco as nove localidades onde o número dos informantes a empregar a forma munida do ataque nasal supera o dos falantes exclusivamente ‘normativos’ se associam a uma localização geográfica próxima ou contígua. Na Tabela 1 abaixo expõem-se os valores dos vinte e oito locais onde se atestam os artigos definidos com os inícios consonânticos. Dentro deste conjunto, sobressaem quatro faixas, definidas em função do rácio dos informantes cuja fala contém os artigos com um início nasal: valor igual ou inferior a um terço de todos os falantes que produzem a respetiva sequência, valor superior a um terço e inferior a metade, número igual de ambos os grupos de falantes, maioria dos entrevistados a usar o artigo munido do ataque nasal.

Tabela 1. Rácios dos informantes por localidade a inserir o ataque [n] no artigo definido nas sequências *verbo+artigo definido*. Fonte CORDIAL-SIN

$\leq \frac{1}{3}$ (12)	$> \frac{1}{3},$ $< \frac{1}{2}$ (2)	$\frac{1}{2}$ (5)	$> \frac{1}{2}$ (9)
6 CLC, 8 MST, 10 MIG, 11 OUT, 14 FIG, 20 PIC, 23 TRC, 24 MTM, 26 LUZ, 27 FIS, 33 CRV, 35 MLD	29 STJ, 32 GRJ	2 CTL, 19 COV, 21 PVC, 36 STA, 42 CDR	3 PFT, 12 CBV, 13 MIN, 16 SRP, 17 LVR, 31 VPC, 37 MTV, 40 AJT, 41 STE

Ao serem totalizadas as ocorrências das formas canónicas e não canónicas nos sítios onde foram efetuados os inquéritos, consegue-se uma imagem global díspar. Em seis localidades, o valor desta variável ultrapassa um terço da produção

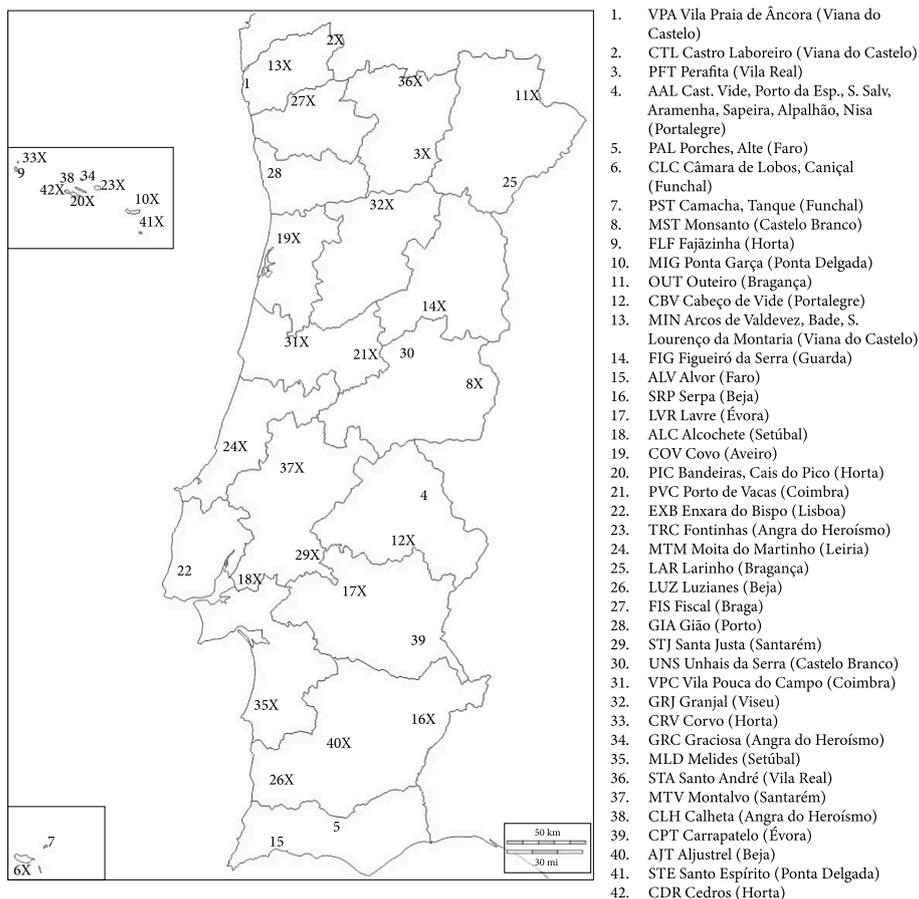


Figura 1. Lista de localidades onde foram conduzidas as entrevistas. O 'X' junto ao número significa a presença dos artigos pós-verbais iniciados por um [n]. Fonte: <https://d-maps.com>

das sequências relevantes, mas não atinge a metade dela. O número das ocorrências de inícios nasais supera o de inícios vocálicos apenas em duas localidades: Luzianes (distrito Beja; rácio 45:35 a favor de *no, na, nos, nas*) e em Vila Pouca do Campo (distrito Coimbra; rácio: 23:15). Nas restantes vinte localidades onde impera a variação, o resultado é inferior ou igual a um terço.

A descrição dos perfis individuais documentados no CORDIAL-SIN baseia-se nas 1652 ocorrências da configuração aqui estudada em todo o *corpus*. Estas distribuem-se pelos 184 participantes, espalhados por todas as localidades. Verifica-se a existência das formas não canónicas na fala dos cinquenta e um dentre eles (27,71%). Simultaneamente, as formas não normativas constituem 13,25%

Tabela 2. Rácios das ocorrências dos artigos definidos munidos do ataque nasal em localidades do CORDIAL-SIN. Fonte CORDIAL-SIN

$\leq \frac{1}{3}$ (20)	$> \frac{1}{3}, < \frac{1}{2}$ (6)	$> \frac{1}{2}$ (2)
2 CTL, 6 CLC, 8 MST, 10 MIG, 12 CBV, 14 FIG, 16 SRP, 20 PIC, 21 PVC, 23 TRC, 24 MTM, 27 FIS, 29 STJ, 32 GRJ, 33 CRV, 35 MLD, 37 MTV, 40 AJT, 41 STE, 42 CDR	3 PFT, 11 OUT, 13 MIN, 17 LVR, 19 COV, 36 STA	26 LUZ, 31 VPC

do total das ocorrências (1433: 219 a favor da variante *o, a, os, as*). Ao ser comparado este resultado com o do número dos entrevistados, pode depreender-se que a existência das variantes *no, na, nos, nas* é minoritária mesmo na fala da maioria dos informantes cuja produção oral contém as formas não canônicas.

Nas produções individuais, prevalecem as formas não canônicas em detrimento das canônicas na fala de doze das cinquenta e uma pessoas entrevistadas que realizam pelo menos uma vez o artigo *no, na, nos, nas*. Registam-se apenas três casos onde o número dos ataques preenchidos na realização do artigo é igual ao dos ataques vazios. Entre os doze informantes que tendem a favorecer as formas com o início nasal, há três que exclusivamente as empregam. No entanto, este resultado é um tanto ou quanto traiçoeiro, pois estes informantes produzem apenas uma sequência relevante. Ainda que esta se revista de uma realização não-canônica, não dá ma imagem probatória do comportamento daqueles informantes perante as formas do artigo pós-verbal.

Como foi já referido, o caráter que mais se destaca na descrição das atitudes individuais prende-se com a falta de homogeneidade das escolhas na produção dos informantes particulares. Por mais arbitrária que pareça a decisão, o cálculo só abrangerá os falantes que produzem ao menos sete sequências relevantes. Emprega-se aqui uma partição binária, opondo os informantes em cuja produção a variante minoritária é igual ou superior a um terço de todas as sequências relevantes. Estes falantes serão contrapostos àqueles cuja fala apresenta valores inferiores a um terço de ocorrências da sequência. Considera-se que a fala do segundo grupo exhibe pouca variação ou variação nula. Entre os sessenta e quatro entrevistados que produzem pelo menos sete sequências *verbo+artigo definido*, há vinte e sete casos que só empregam as formas 'padrão'. Nos restantes, verifica-se variação, atingindo esta característica um valor entre $\frac{1}{3}$ e $\frac{2}{3}$ na fala de oito indivíduos. Vinte e nove entrevistados do grupo aqui estudado, apresentam variação com rácios menos elevados.

3. Processos concomitantes ao uso do alomorfe nV

As formas paralelas, documentadas no CORDIAL-SIN, vêm acompanhadas de três processos fonológicos adicionais. Incidindo na forma como se realizam as sequências *verbo+artigo definido*, esses processos permitem matizar o funcionamento da nasalidade e da ditongação no PE. No entanto, priorizar-se-á aqui a dimensão variacionista daquelas mudanças fonológicas.

Um processo quase ubíquo possui um caráter redutivo. Este consiste no emudecimento das semivogais [j] ou [w̃] na última sílaba do verbo anteposto ao artigo. É assim um exemplo de monotongação, pela qual a rima da postónica da forma verbal se reduz à mera vogal nasal.

- (1) a. *Quando se* {e'pejẽnez=*apanham as*} *uvas* (informante: Albertina; CTL, mulher; sem outros dados)
 b. {terẽne=*terem a*} *eira feita* (informante: Cirilo; LUZ, varão; 66 anos, analfabeto)

O escopo do fenómeno é menos importante do que o emprego do ataque nasal. Além do mais, ambos os processos só moderadamente se entrecruzam. Verifica-se a monotongação em 105 (6,35%) sequências, registadas nas 22 entrevistas (52,38%), ocorrendo na fala dos 33 indivíduos entrevistados (20,65% dos que produzem a combinação aqui estudada). Trinta e uma das monotongações do *corpus* vêm acompanhadas da presença do ataque nasal (29,52%). Nas restantes 74 ocorrências (70,47%), os dois processos manifestam-se separadamente.¹

Prosseguindo na análise, em noventa e uma (de um total de cento e cinco, ou seja 86,6 por cento) sequências *verbo+artigo definido* monotongadas, documentadas no CORDIAL-SIN, altera-se a qualidade da vogal na sílaba final. Em vez do monotongo [ẽ] esperado, a postónica da forma verbal ora se realiza como [ĩ], ora como [ũ], ora como [ẽ]. Catorze montongações ocorrem sem que se altere o timbre do núcleo silábico. Ao invés, a crer-se na secção 'transcrição literal', registam-se duas mutações da qualidade vocálica sem a concomitante queda da semivogal (veja-se 2a-b). Estes dois casos excepcionais impedem que se estabeleça a hierar-

1. A par das sequências *verbo+artigo definido*, a monotongação verifica-se igualmente noutras configurações do CORDIAL-SIN. Assim, o processo afeta, por exemplo, as sequências em que se alinham alguns dos proclisadores que acabam num ditongo nasal (*não, nem, sem, ninguém, quem*, e por aí adiante) e os pronomes acusativos clíticos de 3ª pessoa pré-verbais (estes são, aliás, homófonos dos artigos definidos; cf. *Eu* {nẽne=*não a*} *enganei!*; informante: Galileu; MLD, varão, sem outros dados). Verifica-se igualmente a perda da semivogal destes mesmos vocábulos também no caso de lhes seguirem as formas verbais com uma vogal inicial. Por exemplo, *Mas já* {nũ=*não*} *atacaram a cabrada* (informante: Diomedes; UNS, mulher, 70 anos, analfabeta).

quia implicativa: monotongação > alteração do timbre vocálico, sendo a primeira dessas mudanças a condição prévia da outra.

- (2) a. *Depois quando* {*vēẽjñe=vêem a*} *pessoa, vão ...* (informante: Emanuel; GRJ, varão, 73 anos, sem outros dados)
 b. {*nũ=não*} ({*mur'ðerẽjñe=morderem a*}) /*morderem na gente*. (informante: Dulce; VPC, mulher, 69 anos, sem outros dados)

As noventa e três alterações da qualidade da vogal distribuem-se por 16 localidades (AAL, ALC, ALV, FLF, GRJ, LUZ, LVR, MIG, MIN, PAL, PFT, PIC, STJ, UNS, VPA, VPC), ocorrendo na fala de trinta e um informantes. Demonstram a monotongação sem e com a alteração da qualidade vocálica os exemplos abaixo

- (3) a. {*terẽne=terem a*} *eira feita* (informante: Cirilo; LUZ, varão, 66 anos, analfabeta)
 b. {*li=lhe*} {*v'mavẽnu=chamavam o*} *folhedo* (informante: Débora; STJ, mulher, 53 anos)
 c. *para* {*ku'zerẽnu=coserem o*} *o cabedal*. (informante: Cirilo)
- (4) a. *Vá lá ver quando é que* {*v'kabĩ=acabam*} *a sua*. (informante: André; CBV, varão, 78 anos)
 b. *Chegaram lá*, {*di'fũ'larẽ=desfolaram*} *o bezerro, ...* (informante: André)
 c. ... {*dejtũ=deitam*} *o porco no chão* (informante: Acidália; PST, mulher, 63 anos analfabeta)

Finalmente, um outro processo com caráter redutivo afeta as sequências *verbo+artigo definido*, associando-se às mudanças previamente descritas. É a desnasalação ocorrida na rima da sílaba final da forma verbal. O processo verifica-se apenas em nove casos, na fala de sete informantes, espalhados por seis localidades (CBV, CLC, COV, FIG, MIG, PFT). Em sete dos nove casos, produz-se naquelas circunstâncias igualmente a monotongação. Mantêm-se laços ainda mais estreitos entre a perda da nasalidade e a presença do ataque nasal no artigo subsequente. Tal se verifica em oito casos. Seja como for, o processo nunca se alheia das demais alterações fonológicas que sofre esta configuração sintática.

- (5) a. *e eles é que* {*erenuf=eram os*} *patrões*. (informante: Arquibaldo; COV, varão, 75 anos, sabe ler)
 b. *quando* {*vbrirune=abriram a*} *estrada* (informante: Arquibaldo)
 c. (*Botava no*) /{*bu'tavenu=Botavam o*} *arpão pronto* (informante: Acúrsio; CLC, varão, sem outros dados)

Para aclarar a tendência dalguns informantes a desnasalarem as vogais na rima da primeira das duas sílabas encadeadas, assinala-se aqui os resultados de um estudo com base experimental sobre a fisiologia orofacial. O estudo demonstra que a exa-

tidão e a rapidez da articulação variam consoante a idade das pessoas entrevistadas. Numa tarefa planificada por Bilodeau-Mercure e Tremblay (2016), foram investigadas a resistência (ingl. *endurance*) e a flexibilidade muscular dos lábios e da língua de vários indivíduos, distinguindo-se dois escalões etários (até 65 anos e mais de 65 anos). Foi igualmente realizada a medição da sensibilidade tátil dos órgãos mencionados. A rapidez dos movimentos articulatórios foi reduzida nos informantes com idades acima dos 65 anos, em comparação com os demais entrevistados. Além do mais, esses sujeitos depararam-se com dificuldades ao tentar produzir vogais nasais, tendo-se verificado alternativas nesses casos, ora desacelerando o ritmo da fala, ora produzindo vogais sem ressonância nasal. Tal efeito foi atribuído a uma disfunção motora induzida pela idade, nomeadamente o enfraquecimento da resistência labial. Dados esses resultados, pode a presença simultânea do ataque nasal no artigo e da desnasalização ocorrida na sílaba final do verbo interpretar-se como uma tentativa de se compensar a perda da ressonância nasal.

Em suma, as realizações múltiplas do artigo manifestam-se independentemente da estrutura do núcleo silábico da postónica da forma verbal. É uma sugestão para que se redefinam com mais exatidão as condições propiciadoras da presença da nasal alveolar. Impera, na fala dialetal, uma variação desenfreada com ambas as formas a ocorrer pospostas tanto aos núcleos simples como ramificados (Collischonn & Wetzels 2016: 89–90; Freitas 2017: 72–73). Este é, poranto, um resultado que contraria os conhecimentos que apenas se baseiam no PE padrão.

4. Flexão não-canónica e formas paralelas do artigo definido

O quadro analítico capaz de melhor dar conta da faceta morfológica da variação que permeia as sequências *verbo+artigo definido*, documentadas no *corpus*, radica-se no conceito de paradigma canónico. O raciocínio parte da análise das correspondências entre formas flexivas e traços morfossintáticos por elas codificados dentro dos paradigmas flexivos. De acordo com esse princípio, são canónicos os paradigmas onde essas correspondências têm um carácter biunívoco. Quer isto dizer que a uma forma corresponde um só conjunto de traços, e vice-versa (Corbett 2007: 9–10). Depreendem-se daí os seguintes requisitos: (a) deve manter-se recorrência dos temas de uma cela para a outra de um paradigma; ao invés, não pode haver temas recorrentes entre paradigmas; (b) é proibido várias celas de um paradigma possuírem terminações (ou ‘substância flexiva’) idênticas; em contraponto, as terminações devem ser iguais de um paradigma para o outro dentro de uma só categoria; (c) nenhuma cela do paradigma de uma expressão flexionável é vazia (“for any given lexeme, every cell of its paradigm will be filled

by the inflectional system” Corbett 2005: 33); (d) a construção das formas que preenchem as celas de um paradigma mantém-se estável, ora revestindo-se de uma realização perifrástica ora simples; além do mais, dentro de uma dada classe morfossintática, a feição deve ser homogênea de um paradigma para o outro. Finalmente, (e) cada cela deve ser preenchida com uma forma única (unicidade de realização; veja-se Capellaro 2013: 211). É este último critério que mais interessa no presente estudo. É obviamente excepcional que uma gramática possa reunir todos os requisitos acima esboçados. Mesmo assim, o conceito de paradigma canônico abre o caminho à análise das irregularidades que costumam verificar-se na flexão.

Transgridem o primeiro requisito os paradigmas com temas não homogêneos. No caso de a diferença não ser atestada noutras expressões, surgem paradigmas supletivos. Com frequência, neles se agrupam temas construídos em radicais diferentes. Numa hipótese menos dramática, uma vez que a diferença abrange um certo número de vários paradigmas, sendo as formas a eles pertencentes parcialmente previsíveis, surgem alternâncias temáticas (PREMIR – *primo*, FERIR – *firo*, e por aí adiante). A recorrência dos temas espalhados por vários paradigmas resulta na homonímia, igualmente considerada desviar-se da flexão padrão. Quanto ao segundo critério, verificam-se sincretismos flexivos contanto que as celas múltiplas de um paradigma compartilhem temas e terminações idênticas (por exemplo, 1ª e 3ª do singular do presente do conjuntivo). Por seu turno, a falta de recorrência de terminações entre paradigmas é igualmente não canônica, pois dá origem a vários padrões flexivos. Assim, comparando expressões pertencentes a uma categoria única, percebem-se declinações ou conjugações heterogêneas. Expressões que não flexionam em todas as formas geram paradigmas defetivos (tal ocorre p.ex. em BANIR, FALIR). Paradigmas que entretecem celas preenchidas pelas formas simples e compostas transgridem o critério de homogeneidade estrutural das formas flexivas. O último desvio do paradigma ideal abrange formas paralelas (duas ou mais). A despeito da diferença formal que os separa, continuam associados a um só conjunto de traços morfossintáticos. “Canonical cell-mates are defined as a set of two or more forms that realize the same cell (i.e. the same set of morpho-syntactic features) in a lexeme’s paradigm [...] can be used interchangeably, with the choice of one or the other form subject to no condition” (Thornton 2011: 362). É habitual, em tais circunstâncias, as variantes não serem iguais em todos os aspetos, contrastando entre si devido a fatores pragmáticos ou comunicativos. Quer isto dizer que ao lado de uma forma tida por neutra, existe a variante pragmaticamente marcada (Kiefer 1998: 273), exibindo, por exemplo, quer um arcaizante, quer matizes estilísticos particulares.

A medição dos graus da irregularidade é uma das vantagens da proposta de A. Thornton, proposta essa que se foca nas formas paralelas. Segundo o raciocínio da autora, as formas múltiplas colocadas numa cela única nem sempre são

iguais de um paradigma para o outro. A par dos parâmetros pragmáticos que incidem na escolha, afastam-se as variantes uma da outra pelo grau da sua conformidade com os condicionamentos puramente gramaticais. Tornam-se decisivos os seguintes critérios.

4.1 Condicionamento fonológico

Sobressai aqui o facto de a alternância poder subsistir a despeito da heterogeneidade das realizações da sílaba precedente. Com efeito, as variantes múltiplas do artigo definido pós-verbal continuam associadas a um só conjunto de traços morfossintáticos independentemente do modo como se manifesta o núcleo da pós-tónica do verbo precedente. Concorrem nela, de modo irregular, monotongos e ditongos, vogais nasais e orais, com timbre alterado ou mantido intacto.

O condicionamento fonológico alude igualmente à deficiência prosódica dos artigos definidos. No CORDIAL-SIN, são o domínio privilegiado da presença da nasal alveolar no ataque as palavras clíticas. Por isso, serão brevemente discutidos os sinais do enfraquecimento prosódico no PE. Os monossílabos apresentando a estrutura: consoante – [ɐ]; consoante – xevá; [ɐ], vogal centralizada sozinha ou seguida por uma coda, são intrinsecamente desprovidos do acento. Como tal, devem adjungir-se aos itens vizinhos para formar palavras prosódicas (Oliveira et al. 2017: 53). Assim se explica a deficiência das formas femininas [ɐ] e [ɛ]. As propriedades dos artigos masculinos também permitem colocá-los entre itens clíticos. A vogal arredondada nos monossílabos manifesta-se nalgumas circunstâncias sob a forma de uma glide, afetando a mudança também as formas do plural: *o(s)*, *do(s)*, *no(s)*, *lho(s)*. A glide costuma irromper pelas palavras clíticas antepostas aos inícios vocálicos das palavras subsequentes, impedindo assim que surjam duas ou mais vogais heterossilábicas (sinalefa; sf. Sampson 2016: 669).

(6) *E {ɛw=o} arpão abre* (informante: Acúrsio; CLC, varão, sem outros dados)

Realizam-se então os esquemas [V#V#V] > [V#GV], [V#V] > [GV], ou [V#V] > [VG], cujo traço comum é reduzir o número de sílabas (Casali 2011: 1437–1438). Tal comportamento separa os clíticos fonológicos dos itens lexicais em plena capacidade de cair sob o acento, nos quais a semivocalização da arredondada final é opcional. Assim, as sequências *signo assustador*, *susto aterrador*, realizadas como [w]/o, serão contrapostas a *o anterior* [w]/*o ou *do agreste* [w]/*o, onde a transformação da vogal numa glide é obrigatória (Vigário 2003: 176–177). Comprova igualmente a deficiência dos artigos definidos o emudecimento da vogal na posição final de uma palavra prosódica, propriedade essa que não compartilham com eles as palavras usufruindo da capacidade de receber o acento. Demonstra-o o

exemplo: *pele* (< *por o*) realizado como [pelu], [plu] ou [pl] opondo-se a *pêlo* [pélu], *[plu], *[pl] (Vigário 2003: 177–178, 282–284).

Por fim, cabe referir que ambas as variantes do artigo definido carecem da capacidade de impor restrições fonológicas nos vocábulos que lhes sucedem. Verificam-se tanto os inícios vocálicos como consonânticos nos nomes subsequentes. Quer tudo isto dizer que as formas paralelas *o*, *a*, *os*, *as* e *no*, *na*, *nos*, *nas* parcialmente se submetem ao condicionamento fonológico.

4.2 Condicionamento sintático e semântico

Na proposta de Thornton, estes dois domínios são abordados em conjunto, obedecendo aos seguintes critérios: (ii.a) uma das formas paralelas, mas não a outra, seleciona as expressões munidas de traços sintáticos e / ou semânticos específicos (“specific mates could subcategorize for arguments with specific syntactic–semantic features”; Thornton 2011: 368); (ii.b) existe um conjunto de vocábulos (definidos quer com base em critérios morfossintáticos, quer referenciais) aos quais uma das formas paralelas falta adjungir-se, mas não a outra. Uma vez que tal se verifica, a escolha deixa de ser livre, assemelhando-se à alomorfia.

A análise das sequências com a nasal inicial no artigo demonstra uma desigualdade na seleção da forma verbal precedente, definida em termos da categoria de número. As 1652 sequências aqui estudadas desdobram-se por 335 ocorrências do singular verbal (20.27% do total) e 1317 ocorrências do plural (79.72%). Registam-se apenas dez inícios nasais no artigo a seguir às formas do singular (nove incidências de *tem* e uma incidência de *vem*), correspondendo a apenas 2.98% dos encadeamentos *verbo*_{sing}+*artigo definido*. Este valor contrasta com o da presença do ataque nos encadeamentos *verbo*_{plur}+*artigo definido* cujo valor atinge 15.87% (209: 1108 a favor das formas padrão). Surge assim uma distribuição desproporcionada das formas do singular e do plural verbal antecedentes ao ataque nasal.² As sequências *verbo*+*artigo definido* costumam associar-se a três configurações sintáticas: *verbo*+*objeto*; *verbo*+*sujeito* (7b), e *verbo*+*predicado nominal*

2. Além de ocorrerem geralmente pospostos às formas do plural verbal, juntam-se os artigos munidos de ataque nasal de preferência aos verbos no pretérito imperfeito e presente do indicativo. No *corpus*, dá-se a seguinte distribuição dos artigos definidos com um início consonântico e das formas temporais precedentes: imperfeito do indicativo – 107, presente do indicativo – 75; P.P.S. – 20, infinitivo flexionado – 12, imperativo – 2, presente do conjuntivo – 2, imperfeito do conjuntivo – 1. No entanto, este emparelhamento é só um efeito ilusório: nos relatos e partes monologadas (só foram tidas em conta as respostas dos inquiridos, ignorando-se as perguntas dos inquiridores) que compõem as entrevistas do CORDIAL-SIN predominam descrições no passado e ações habituais. Quer isto dizer que as realizações padrão igualmente tendem a associar-se àquelas formas verbais.

(7a). Ao contrário, não parece haver diferenças entre as variantes particulares na escolha dos vocábulos que lhes vêm pospostos.

- (7) a. *daquelas que* {forẽwñez=foram as} *abelhas* (informante: Arquibaldo; cov, varão, 75 anos, sabe ler)
 b. *Naquele meio tempo*, {βẽjnu=vem o} *sangue cozido* (informante: Gotardo; STA, varão, 62 anos)

4.3 Condicionamento morfológico

Em comparação com os demais critérios, o condicionamento morfológico possui múltiplas facetas, ora se reportando à organização interna de um paradigma flexivo particular, ora às distribuições de *itens* morfológicos (temas, terminações, formas flexivas) de um paradigma para o outro. Mede-se o grau de variação das formas paralelas por meio de escalas pormenorizadas (entenda-se o signo “>” como ‘mais canónico do que’): (iii.a) as formas paralelas ocorrem nas celas imprevisíveis, sendo portanto a sua distribuição dentro do paradigma completamente aleatória > as formas paralelas distribuem-se pelas celas que constituem um padrão morfômico (O’Neil 2018: 21) > as formas paralelas ocorrem nas celas definidas na morfossintaxe; (iii.b) as formas paralelas ocorrem numa única cela definida na morfossintaxe > as formas paralelas ocorrem em celas definidas na morfossintaxe > as formas paralelas ocorrem em todas as celas do paradigma; (iii.c) formas paralelas sem homólogos nos demais paradigmas > formas paralelas com homólogos nos demais paradigmas; (iii.d) maior número de formas paralelas agrupadas numa única cela > menor número de formas paralelas pertencentes a uma só cela. Segundo refere a própria autora (Thornton 2011: 377) “If a canonical, well-behaved paradigm is expected to exhibit a unique realization for each cell, the more alternative realizations there are for a single cell, the more canonical is overabundance”.

Na maioria dos casos (iii.a, iii.b, iii.c), as variantes paralelas de artigo definido aproximam-se de um padrão flexivo altamente previsível. Com efeito, atesta-se que a alternância se verifica em todas as celas com características morfossintáticas nitidamente delimitadas, abrangendo todos os valores do género e número. Relativamente ao critério iii.c, documentam-se também as formas paralelas no CORDIAL-SIN, em condições fonológicas iguais, noutros monossílabos variáveis, homónimos do artigo definido. Para além da ênclise, o ataque nasal ocorre nos pronomes clíticos acusativos (os únicos pronomes-objeto a exhibir, no PE, um início vocálico) na posição pré-verbal. O escopo geográfico da mudança é muito mais reduzido do que a presença do início nasal nos artigos, verificando-se nos quinze inquéritos do *corpus*. Destacam-se o Arquipélago dos Açores e as regiões

fronteiriças do norte como áreas com a maior ocorrência do fenômeno (Nkollo 2020). Numa escala ainda menos significativa, manifestam-se ataques nasais nos demonstrativos antecedentes de uma oração relativa ou de um sintagma preposicional (veja-se 8a–b), igualmente homônimos do artigo definido. Em suma, de acordo com os três primeiros critérios adiantados por Thornton, não se desviam de forma radical as formas paralelas do artigo no PE dialetal da flexão canônica.

- (8) a. *que faziam* {nuf=os} *que estavam nos hospitais* (informante: Agar; PFT, mulher, 80 anos, sabe ler e escrever)
 b. *Vocês nem* {sabẽjnu=sabem o} *que é que estão a fazer* (informante: Danilo; STJ, varão, 79 anos, sabe ler e escrever)

É útil, discutindo o paralelismo flexivo devido à epêntese nasal, comparar as atitudes individuais dos informantes relativamente aos artigos definidos e pronomes oblíquos pré-verbais. Como já foi referido, a presença do ataque nos pronomes átonos antes do verbo atesta-se em quinze localidades. Em quatro delas, a mudança só se reporta a esta classe de signos. Nas demais onze localidades, ocorrem tanto artigos definidos como pronomes acusativos de 3ª pessoa munidos de um início consonântico. Nesses onze locais, existem quarenta e quatro entrevistados que produzem a sequência desencadeador de próclise (terminado num ditongo nasal) # pronome acusativo. Ocorre pelo menos uma incidência de epêntese nos pronomes clíticos pré-verbais na fala de vinte deles. Ao invés, vinte e quatro desses indivíduos apenas empregam as formas canônicas do pronome. Dentro do primeiro grupo, treze pessoas empregam a nasal alvolar igualmente nos artigos definidos pós-verbais em condições fonológicas propiciadoras. Este mapeamento entre fonologia e sintaxe abrange as seguintes localidades: COV, CRV, CTLX2, GRJX2, MIN, MLD, OUT, PFTX2, STA, TRC. Sete entrevistados cuja fala contém pronomes oblíquos com um início nasal, rejeitam o ataque nasal noutros monossílabos clíticos. Pode então depreender-se deste cálculo que a tendência de empregar os pronomes acusativos pré-verbais com um início nasal atua com bastante força como atrator para se proceder com esta realização igualmente noutras configurações. Não se deve porém sobrevalorizar o grau de irregularidade da gramática daquele grupo de informantes – ao produzirem as respetivas sequências, costumam entretecer formas munidas do ataque nasal e formas canônicas. É importante notar a este respeito a ausência de qualquer informante, em todo o corpus, cuja produção abranja apenas artigos definidos com um início nasal e, ao mesmo tempo, apenas pronomes acusativos pré-verbais com um início nasal.

É mais problemático o último critério morfológico, pois, a par de *o*, *a*, *os*, *as* e *no*, *na*, *nos*, *nas*, contém o corpus duas outras realizações. Aparecem marginalmente no CORDIAL-SIN os artigos definidos com a semivogal [j] inicial e com o início líquido [l], resultado da assimilação das dentais e líquidas que terminam

a palavra precedente. Assim, sendo diferentes os enquadramentos fonológicos em que ocorrem as formas paralelas *o*, *a*, *os*, *as* e *no*, *na*, *nos*, *nas* e as variantes [lu] e [ju], estas últimas nada têm a ver com a nasalidade. Portanto, a sua análise não entra no escopo do presente estudo.

É a recorrência dos paralelismos na realização dos pronomes clíticos objeto e artigos definidos que mais contribui para aclarar a natureza da irregularidade morfológica do artigo pós-verbal. É fundamental aqui a igualdade dos contextos fonológicos em que se verifica o paralelismo entre ambas as classes de signos. Comprovam-no também os dados históricos.

5. Antecedentes históricos

Ao ser observada a produção escrita dos séculos prévios (fonte: CIPM – *Corpus informatizado do português medieval*; see Xavier (coord.) 1998), carece a documentação da presença do ataque nos artigos definidos pós-verbais. Obviamente, a escrita portuguesa dos séculos XIII a XVI não vem acompanhada de informação acerca da pronúncia. No entanto, há provas indiretas que evidenciam a ausência dos inícios consonânticos nessa configuração. Essas provas indiretas provêm da análise da forma como se realizam os artigos definidos pospostos às palavras terminadas numa nasal, mas não no caso dos verbos. No seu estudo dos textos galego-portugueses, Maia observa que costumavam competir então entre si duas variantes: *lo*, *la*, *los*, *las* e *no*, *na*, *nos*, *nas* (veja-se igualmente Martins 1994: 214 “*lo*, *los*, *la*, *las* são as formas do pronome acusativo átono que, do ponto de vista evolutivo, precedem as formas *o*, *os*, *a*, *as*”). A crer-se nos exemplos dados pela autora, a competição estendia-se pelos artigos a seguir a *com* e *sem*, bem como ao negativo *nem*. Assim, ao lado de *cũ lo noŷŷo caŷal*, há ocorrências de *cõ no conuento* (Maia 1986: 648). No lado sul da fronteira política atual, dominavam as formas com o ataque nasal, ao passo que no norte, a distribuição era mais equilibrada. Obviamente, nos encadeamentos *preposição+artigo definido*, tendia a impor-se a variante com a nasal alveolar. Nalguns casos foi tanta a sua persistência que a forma fundida acabou por enraizar-se de modo definitivo (nomeadamente, nas contrações de *em* e do artigo definido subsequente *Nas circunstâncias atuais* vs. *Em todas as circunstâncias*). Ao contrário, hoje em dia, o início líquido tem escassa atestação nas entrevistas do CORDIAL-SIN, mantendo-se na fala dalguns informantes de entre-Douro-e-Minho (veja-se 9a–c). É à configuração onde se justapõem palavra terminada numa dental ou uma líquida e artigo definido que essa variante mais se associa.

- (9) a. *Nem* {toðeɫɐʃ=todas as} *peçoas faziam* (informante: Albertina; CTL, mulher; sem outros dados)
 b. *O fuso de* {fi'alu=fiar o} *linho* (informante: Albertina; CTL)
 c. ... *para* {me'tarmule=matarmos a} *fome* (informante: Albertina; CTL)

Foi um tanto ou quanto diferente a evolução dos pronomes clíticos acusativos. Mantiveram-se estáveis ao longo da história os alomorfes munidos de ataques nasais na ênclise a seguir às formas verbais terminadas numa nasal. Até ao século XVI, não era raro revestirem-se esses pronomes da realização *no*, *na*, *nos*, *nas* também na posição pré-verbal. Maia conclui que a mudança afetava os pronomes objeto direto colocados “depois da palavra terminada em nasal”. Tal significa que a escolha se baseava em critérios fonológicos, tendo sido insensível às exigências categoriais. Com a exceção do arranjo linear das expressões exibindo a substância sonora conveniente, o condicionamento morfossintático não desempenhava papel algum. Nessas circunstâncias, eram os verbos apenas um dos sítios possíveis a hospedar as variantes *no*, *na*, *nos*, *nas*. Os exemplos de Maia (1986: 672) levantam as dúvidas quanto ao caráter indiscriminado da colocação das variantes dos pronomes acusativos: *nẽ nas dar a noble caualeyro*; *e nõnaf vëderdes nẽ doardes*; *je of nof nõ podermos laurar, dalos o abbade a quen nos laure*; *pojerõno todo*.

Nos séculos seguintes, a presença dos ataques nos pronomes acusativos pré-verbais foi decrescendo, adquirindo os requisitos categoriais cada vez maior importância. Assim, na *Crónica dos Reis de Bisnaga*, obra anónima de meados do século XVI, os inícios consonânticos apenas se documentam a seguir ao marcador negativo *não* e ao pronome relativo / interrogativo *quem*, alternando aliás com as formas desprovidas do ataque. Prevalece, na obra referida, a variante com o início nasal a seguir ao marcador negativo (8:3); ao invés, a única ocorrência de *no* a seguir a *quem* contrasta com as sete formas ‘padrão’ (veja-se 10a-d). A pesquisa abrangeu também os pronomes pospostos a *nem* e *sem*. Documentam-se nesses contextos apenas os ataques vazios. A seleção da variante deixa de resultar das propriedades fonológicas da sílaba precedente, tornando-se assim sensível à categoria morfossintática das expressões vizinhas. São, p. ex., excluídas as preposições como desencadeadores potenciais de *no*, *na*, *nos*, *nas*.

- (10) a. ... *fez muytas justiça e tomou as terras a quem as tinha contra razão*
tomadas a elrey (Título 4)
 b. ..., *não sey quem no possa contar pera que seja crido* (Título 8)
 c. ... *o que aveis de fazer ojee, não o deixeis pera amanhaa* (Título 4)
 d. ..., *e não no poderão tirar deste proposyto todollos seus gramdes* (Título 20)

A tendência acaba por consolidar-se no século seguinte, século esse que corresponde ao português clássico. Um dos traços distintivos do período referido consiste na não-adjacência do pronome clítico pré-verbal e do verbo. O marcador

negativo *não* (com o ditongo nasal a terminar a sílaba) foi então a única expressão capaz de separar os pronomes e os verbos subseqüentes (Galves et al. 2005). Os cálculos da frequência relativa demonstram o domínio da interpolação (não-adjacência) nas orações negativas com os clíticos acusativos de 3ª pessoa (Nkollo 2021: 483–484). Os demais pronomes possuíam uma distribuição mais equilibrada. Assim, devido à metátese *não o > o não*, acabaram as condições propiciadoras da alomorfia. Com efeito, o último exemplo recolhido na escrita daquele período, onde o pronome acusativo ocorre alterado sob a ação do marcador negativo antecedente, data de 1639.

- (11) ... *naõ no fazendo desde o dia que lhe puzerem a dita pena ...*
 (1639. *Regimento dos Juizes das Aldeas, e Julgados do Termo*; p. 6) <http://purl.pt/30213>

Ao serem justapostas as evoluções de ambas as classes de expressões, verifica-se a tendência para o nivelamento das divergências na sua realização. Eliminam-se, na linguagem padrão, as formas munidas do ataque nasal, sendo-lhes preferidas as variantes *o, a, os, as*.

6. Origem das formas ‘não-padrão’ nas sequências *verbo – artigo definido*

Após esclarecer as dimensões variacionista e morfológica das formas paralelas e expor os seus antecedentes históricos, podem ser reconstituídos os mecanismos plausíveis que levaram ao surgimento da alternância entre *o, a, os, as* e *no, na, nos, nas*. Um dos cenários hipotéticos fundamenta-se na continuidade histórica, adiantando as semelhanças entre as formas presentes na escrita das épocas anteriores e as variantes ocorridas na fala dialetal contemporânea. A variação teria sido transmitida de modo ininterrupto de uma geração para a outra. Este raciocínio desalinha-se, ao que parece, das diferenças contextuais. Com efeito, o ataque nasal não ocorre em configurações iguais no português medieval e renascentista e no PE dialetal atual.

A coexistência das realizações paralelas na fala de um só indivíduo teria refletido duas gramáticas concorrentes. Nesta perspectiva, a duplicidade é o resultado dos ordenamentos divergentes dos parâmetros que compõem uma gramática na fase de aquisição. Calculam-se gramáticas individuais com base tanto no acervo biológico dos seres humanos como na multiplicidade dos sinais gramaticais que lhes estão transmitidos (Battye & Roberts 1995: 8). As inovações iniciam-se pelos desvios da gramática reconstruída a partir da produção linguística paternal. A transição dá-se entre duas gramáticas sincronicamente estáveis, apenas abran-

gendo o reajuste de parâmetros. Tal decorre do facto de a informação gramatical exteriorizada na fala dos pais e transmitida aos filhos nunca ser suficiente para se poder chegar a uma imitação impecável da gramática paternal. Nesta abordagem, a variação é sinal de que os aprendentes foram expostos, em épocas diferentes, a informações contraditórias relativas à forma de que se revestem os artigos. Surge assim uma gramática vernacular, inspirada pelos dados fonológicos (dois segmentos vocálicos em contato) que fomentam a presença do ataque. A par dela, é igualmente interiorizada uma gramática ‘normativa’ na qual os artigos se mantêm desprovidos do ataque, independentemente das propriedades do contexto em que ocorrem. Prioriza-se nela a distinção de categorias morfossintáticas, impedindo que se confundam artigos e pronomes objeto direto. A diglossia interiorizada, ou seja, uma coexistência contínua de dois sistemas faz com que, em diversas ocasiões, tanto ocorram os artigos definidos com um ataque preenchido como os que apresentam um ataque vazio.

Por muito atrativa que pareça essa hipótese, escasseiam, na produção escrita, atestações da fala dirigida aos filhos que a comprovem com suficiente força e autoridade. Assim, o desenvolvimento e a transmissão da gramática vernacular de uma geração para a outra tem um sabor especulativo, o que constitui um obstáculo para que se reconstituam de modo satisfatório os parâmetros responsáveis pelas realizações divergentes dos artigos definidos na fala dialetal contemporânea. No entanto, julga-se viável o próprio conceito de gramáticas competidoras, concebidas em termos de métodos mutuamente incompatíveis do processamento da informação gramatical (Moravcsik 2014: 3–4). A análise da diversidade das sequências *verbo+artigo definido* no CORDIAL-SIN revela um conjunto de fatores que incidem na realização dos artigos. Todos eles têm um carácter analógico. Desde logo, as escolhas individuais baseiam-se, em muitos casos, na homonímia dos artigos e dos pronomes acusativos de 3ª pessoa. Assim, na fala individual não é raro o facto de a igualdade formal de ambas as classes de expressões prevalecer contra as caraterísticas categoriais que as separam. Além disso, estes signos linguísticos aproximam-se pela sua deficiência prosódica. Os falantes deparam-se num e noutro caso com os monossílabas incapazes de receber o acento. Deste modo, correspondem as sequências aqui discutidas a uma só unidade prosódica. Tende-se igualmente a verificar a alternância devido ao facto de os artigos serem colocados em posição pós-verbal, assemelhando-se assim aos pronomes enclíticos. Além do mais, os traços morfossintáticos e fonológicos das formas verbais precedentes são iguais para ambas as classes de signos. A variação ocorre com mais frequência no caso de os artigos e os pronomes se associarem à 3ª pessoa do plural verbal, terminada, por defeito, num ditongo nasal. Na gramática dos pronomes, tal sequenciamento obriga a usar a forma munida do ataque nasal. Não é de estranhar que este processo se estenda igualmente pelos artigos definidos. Por fim, fazendo fé

nas transcrições do CORDIAL-SIN, manifestam-se alterações iguais na rima da sílaba final do verbo em ambas as configurações. Reforça todas essas semelhanças o facto de as entrevistas documentarem uma fala espontânea, fomentando o recuo dos critérios categoriais rígidos. Assim se abre o caminho a um processamento fonológico inspirado pelas analogias entre ambas as classes de expressões.

Observações de encerramento

Apesar de a nasal alveolar adicionada nas condições acima descritas não ser mais do que um segmento da palavra prosódica, não se deve menosprezar o seu contributo para o enraizamento da nova realização. Sendo condicionada pelas características flexivas e fonológicas da forma verbal precedente, a nasal adquire tanta proeminência perceptual que os falantes prontamente a colocam nos demais contextos em que ocorre uma palavra clítica. Facilita este rearranjo o encadeamento do núcleo da sílaba final do verbo com o núcleo dos *itens* clíticos fonológicos subsequentes. Assim, verifica-se a sobre-generalização do ataque a despeito da diferença categorial entre pronomes e artigos. Em vez dela, torna-se decisiva a identidade formal de ambos os tipos de signos. Deste modo, a nasal alveolar é mecanicamente processada como se fosse parte intrínseca da palavra prosódica na qual se hospeda o artigo.

Assim sendo, a variedade das realizações das sequências *verbo+artigo definido* no CORDIAL-SIN provém do cúmulo das experiências prévias dos informantes. A homonímia dos artigos e dos pronomes acusativos enclíticos, a colocação pós-verbal e a deficiência prosódica de ambos os grupos de expressões fazem com que o ataque nasal nos artigos replique um padrão preexistente numa outra zona da gramática. Este método de tratamento da informação gramatical alude à proposta de Bybee e Torres Cacoulios que definem a disseminação da mudança defendendo que: “if an input token is the same as an existing exemplar, it is mapped onto that exemplar, strengthening it” (2008: 400).

Financiamento

O estudo recebeu o apoio financeiro do Centro Nacional de Ciência (Narodowe Centrum Nauki) no âmbito do projeto 2016/22/M/HS2/00168 (*Romance clitics in diachrony. An integrated approach*).

Open Access publication funded by Adam Mickiewicz University, Poznań, Initiative of Excellence – Research University (ID-UB), internship 011/08/POB5/0048.

Referências

- Battye, A. & I. Roberts. (1995): Introduction, in: Battye, A. & I. Roberts. (orgs.): *Clause Structure and Language Change*. Oxford University Press, Oxford. pp. 3–28.
- Bilodeau-Mercure, M. & P. Tremblay. (2016): Age Differences in Sequential Speech Production: Articulatory and Physiological Factors. *Journal of the American Geriatrics Society*, 64(11), pp. e177–e182. <https://doi.org/10.1111/jgs.14491>
- Bybee, J. & R. Torres Cacoullós. (2008): Phonological and Grammatical Variation in Exemplar Models. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics* 1(2), pp. 399–413. <https://doi.org/10.1515/shll-2008-1026>
- Cappellaro, C. (2013): Overabundance in diachrony: a case study, in: Cruschina, S., M. Maiden & J.Ch. Smith. (orgs.): *The Boundaries of Pure Morphology*. Oxford University Press, Oxford, pp. 209–220. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199678860.003.0011>
- Casali, R. F. (2011): Hiatus Resolution, in: van Oostendorp, M., C. J. Ewen, E. Hume, & K. Rice. (orgs.): *The Blackwell Companion to Phonology*. Vol. 3: *Phonological Processes*. Wiley–Blackwell, Malden, MA, pp. 1434–1460. <https://doi.org/10.1002/9781444335262.wbctp0061>
- Collischonn, G. & L. W. Wetzels. (2016): *Syllable Structure*, in: Wetzels, L. W., S. Menuzzi & J. Costa. (orgs.): *The Handbook of Portuguese Linguistics*. John Wiley & Sons, West Sussex, pp. 86–106.
- Corbett, G. G. (2005): The canonical approach in typology, in: Frajzyngier, Z., A. Hodges & D. S. Rood. (orgs.): *Linguistic Diversity and Language Theories*. John Benjamins, Amsterdam-Philadelphia, pp. 25–49. <https://doi.org/10.1075/slcs.72.03cor>
- Corbett, G. G. (2007): Canonical typology, suppletion, and possible words. *Language* 83(1), pp. 8–42. <https://doi.org/10.1353/lan.2007.0006>
- Freitas, M. J. (2017): Aquisição da fonologia em língua materna: a sílaba, in: Freitas, M. J. & A. L. Santos. (orgs.): *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (Textbooks in Language Sciences 3). Language Science Press, Berlin, pp. 71–94.
- Galves, C., H. Britto, H. & M. C. Paixão de Sousa. (2005): The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics* 4(1), pp. 39–67. <https://doi.org/10.5334/jpl.166>
- Hoekstra, E. & A. P. Versloot. (2019): Factors promoting the retention of irregularity. On the interplay of salience, absolute frequency and proportional frequency in West Frisian plural morphology, *Morphology*, 29, pp. 31–50. <https://doi.org/10.1007/s11525-018-9334-2>
- Kiefer, F. (1998): Morphology and Pragmatics, in: Spencer, A. & A. M. Zwicky (orgs.): *The Handbook of morphology*. Blackwell Publishers, Oxford-Malden, pp. 272–279.
- Lightfoot, D. (1979): *Principles of Diachronic Syntax*. Cambridge University Press, Cambridge.
- Maia, C. de Azevedo (1986): *História do Galego-Português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno)*. Instituto Nacional de Investigação Científica, Coimbra.
- Martins, A. M. (1994): Clíticos na História do Português. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Moravcsik, E. (2014): Introduction, in: MacWhinney, B., A. Malchukov & E. Moravcsik (orgs.): *Competing Motivations in Grammar and Usage*. Oxford University Press, Oxford, pp. 1–14. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198709848.003.0001>
- Nkollo, M. (2020): Onset insertion across words in present-day dialectal EP. A case for competing grammars? *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, XVIII n°2 (36), pp. 281–307.
- Nkollo, M. (2021): Padrões de não-adjacência clítico-verbo no português clássico. A sintaxe nas interfaces com a fonologia, in: Schøsler, L., J. Härmä & J. Lindschouw. (orgs.): *Actes du XXIX^e Congrès international de linguistique et de philologie romanes (Copenhague, 1–6 Juillet 2019)*. Vol. 1 Editions de Linguistique et de Philologie, Strasbourg, pp. 479–490.
- Oliveira, P., M. Cruz, N. Paulino & M. Vigário. (2017): Glide insertion to break a hiatus across words in European Portuguese. The role of prosodic, geographic and sociolinguistic factors, in: Barbosa, P., M. da Conceição de Paiva & C. Rodrigues. (orgs.): *Studies on Variation in Portuguese*. John Benjamins, Amsterdam-Philadelphia, pp. 49–79. <https://doi.org/10.1075/ihll.14.02oli>
- O’Neil, P. (2018): Roots, endings and clashes of morphemes, in: Bouzouita, M., I. Sitaridou & E. Pato. (orgs.): *Studies in Historical Ibero-Romance Morpho-Syntax*. John Benjamins, Amsterdam-Philadelphia, pp. 13–46.
- Roberts, I. (2007): *Diachronic Syntax*. Oxford University Press, Oxford.
- Sampson, R. (2016): Sandhi phenomena, in: Ledgeway, A. & M. Maiden. (orgs.): *The Oxford Guide to the Romance Languages*. Oxford University Press, Oxford, pp. 669–680. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199677108.003.0040>
- Thornton, A. (2011): Overabundance (Multiple Forms Realizing the Same Cell): A Non-Canonical Phenomenon in Italian Verb Morphology, in: Maiden, M., J.-Ch. Smith, M. Goldbach & M. -O. Hinzelin. (orgs.): *Morphological Autonomy. Perspectives From Romance Inflectional Morphology*. Oxford University Press, Oxford, pp. 358–381. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199589982.003.0017>
- Vigário, M. (2003). *The Prosodic Word in European Portuguese*. De Gruyter, Berlin-New York. <https://doi.org/10.1515/9783110900927>
- Villalva, A. (2007). *Morfologia do Português*. Universidade Aberta, Lisboa.

Corpora

- Martins, A. M. (coord.). (2010). *CORDIAL-SIN: Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://www.clul.ul.pt/en/resources/411-cordial-corpus>. [Consulta: 24/10/2020].
- Xavier, M. F. (coord.). (1998). *CIPM: Corpus Informatizado do Português Medieval*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em <http://cipm.fcsh.unl.pt/>. [Consulta: 16/10/2020].

Variable definite articles in dialectal European Portuguese: An analogy-based morphophonological innovation

Abstract

The present paper is devoted to verb – definite article sequences in the dialects of present-day European Portuguese. In the speech of numerous elderly informants, the alveolar nasal is syllabified as the onset of the definite article after verb forms ending in a nasal diphthong. The analysis is conducted with the aid of the data retrieved from the ‘verbatim transcription’ section of CORDIAL-SIN (*Syntax-oriented Corpus of Portuguese Dialects*). Aside from the variationist facet of the problem, the paper investigates the inflectional nature of the two cell-mates – non-canonical *no, na, nos, nas* and canonical *o, a, os, as*. Concomitant phonological changes – monophthongization, change of vowel quality and denasalization in the rhyme of the first of two combined syllables – are described to see how they are superimposed on nasal onsets. The use of nasal onsets is argued to have arisen by analogy with sound changes affecting 3rd person accusative pronouns in enclisis. Contributing factors involve article – accusative pronoun homonymy and the clitic-hood of both classes of expressions.

Keywords: nasal onset, definite articles, clitic words, analogy

Endereço de correspondência

Mikołaj Nkollo
Adam Mickiewicz University
Faculty of Modern Languages and Literatures
Collegium Novum
Al. Niepodległości 4
61-874 Poznań
Poland

mikon74@amu.edu.pl

 <https://orcid.org/0000-0001-6686-2568>

Publication history

Date received: 22 December 2020

Date accepted: 30 September 2021

Published online: 26 October 2021